

Dívida latina pode diminuir 20%

Washington — O Plano Brady de ajuda ao Terceiro Mundo poderia diminuir em cerca de 70 bilhões de dólares, ou quase 20 por cento, a dívida externa de 39 nações da América Latina e outras regiões, num período de três anos, disseram fontes financeiras nos Estados Unidos.

O endividamento desses países com os bancos é de 340 bilhões, incluindo os 245 devidos pela América Latina, cujo débito total supera os 400 bilhões.

Segundo as fontes, há 39 nações endividadas entre grandes e pequenas, mas não foram dados detalhes sobre esta cifra. De qualquer modo, o subsecretário do Tesouro, David Mulford, comentou que o México e a Venezuela seriam os primeiros beneficiários do plano Brady, cuja ênfase recaí sobre a redução da dívida e não sua rolagem com crescimento constante.

Pelas estimativas preliminares do Departamento do Tesouro, o Plano Brady (do secretário Nicholas Brady) poderia reduzir também cerca de 20 bi-

lhões de dólares dos pagamentos de juros dos países endividados no mesmo prazo de três anos.

Alguns funcionários norte-americanos manifestaram dúvidas quanto à viabilidade das cifras mencionadas e especialistas do "The Wall Street Journal" assinalaram que a proposta de reduzir a dívida em 20 por cento poderia provocar expectativas excessivamente grandes na América Latina e "risco de uma reação violenta se o plano não gerar os resultados esperados".

O QUE É

Anunciado no último dia 10 pelo secretário do Tesouro, o Plano Brady conta com o apoio financeiro do Japão, mas até agora não se sabe com quanto dinheiro os Estados Unidos e o Japão irão participar.

Fala-se em Washington que o Tesouro espera de 20 a 25 bilhões de dólares do FMI e Banco Mundial para executar o pla-

no, além dos recursos nipônicos. O plano pretende convencer os bancos credores a reduzirem o principal e os juros da dívida.

Autoridades do governo George Bush se reuniram com representantes de 16 bancos internacionais para estudar as estimativas e o esboço da nova política para a dívida externa.

Os banqueiros, segundo "The Wall Street", mantiveram-se cautelosos em suas respostas, manifestando consideração sem esconder, contudo, preocupações com alguns detalhes da proposta.

Vários executivos observaram que se os bancos forem pressionados a aceitar uma redução drástica da dívida, não haverá muitos estímulos para a concessão de novos empréstimos.

A crise da dívida externa também vem sendo debatida pela comissão bancária e de assuntos financeiros da Câmara de Deputados, onde Mulford prestou depoimento.